

Carta dos Leitores

Projeto Arquimedes

Lendo a revista *Física na Escola*, v. 3, n. 1, 2002, li a Carta do Editor sobre o “Projeto Arquimedes” e me interessei muito, principalmente pela possibilidade da produção de kits para escolas e aprimoramento de professores do Ensino Médio. Sou professor de Física em duas escolas públicas e sinto muita falta dessas ferramentas para poder aprimorar e valorizar mais as aulas. Gostaria muito que a revista fornecesse maiores informações ou como poderíamos ter acesso ao processo de andamento deste projeto.

Prof. Heraldo Costa dos Santos
Belo Horizonte, MG

Fiquei muito contente ao ler o último número d’*A Física na Escola* e saber da existência do “Projeto Arquimedes”. Gostaria, portanto, que o senhor me deixasse a par dos detalhes desse projeto para que possamos iniciar uma melhoria no ensino de Ciências e Matemática nos Ensinos Médio e Fundamental.

Cordialmente,

A.O. Bolívar
bolívar@ime.unicamp.br

O projeto Arquimedes foi incluído no livro azul do MCT intitulado “Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social” como proposta n. 5.

Professor, profissão de alto risco: violência na escola

Onde estão as reais causas da violência escolar, da violência familiar e da violência social como um todo?

Na verdade, estas são questões multicausais e complexas que demandam análises e estudos mais aprofundados. A miséria, o desemprego, as desigualdades sociais, a falta de oportunidades para os jovens e a presença insuficiente ou inadequada do Estado

fazem aumentar as manifestações de violência no país. Entretanto, não se trata de um fenômeno ligado apenas a fatores estruturais de ordem sócio-econômica. A violência deve ser entendida no âmbito cultural e psico-social dos indivíduos, dos grupos e da sociedade.

Diariamente assistimos estarrecidos e impotentes diversos assaltos à mão armada, seqüestros, depredações, espancamentos etc. A situação de abandono evidenciada pela mídia em muitas de nossas escolas públicas demonstra onde chegamos: uma completa degeneração de valores como respeito, solidariedade e dignidade, que colocam em risco a sobrevivência da humanidade.

Ser professor diante deste quadro é uma profissão de alto risco. A maioria de nós não está preparada para enfrentar situações de perigo. Não é algo que se aprenda na faculdade. A faculdade também não ensina como conduzir a relação com alunos que dão pouca ou nenhuma importância à escola. Nem ensina como lidar com o sentimento de medo e insegurança aliada à banalização da vida que invade cada vez mais nossas escolas.

Solucionar o problema de violência na escola e na sociedade passa por um processo de restabelecimento da saúde dos indivíduos. Entendendo-se saúde como qualidade de vida. Assim, promover saúde é investir em um conjunto de fatores que contribuam para uma melhor qualidade de vida dos indivíduos: educação, alimentação, moradia, renda e acima de tudo “justiça social”.

Precisamos urgentemente enfrentar a violência na escola, mas para enfrentá-la é preciso acreditar em alguns pontos fundamentais: violência, praticada por aluno no interior da escola ou por criança/adolescente na rua é muito mais um caso pedagógico do

que policial. Violência praticada por adultos fora da escola é sim problema policial. Somente um esforço conjunto e participativo pode levar a um compromisso dos envolvidos (alunos, professores, pais, comunidade e autoridades) com a solução do problema; qualquer esforço para reversão do quadro atual deve buscar uma sustentabilidade para que os sintomas não retornem.

Diante disso, melhorar a qualidade de vida de quem ensina é fundamental. É preciso resgatar sua autoestima. É preciso capacitar este professor não apenas do ponto de vista especificamente disciplinar, mas dar a ele ferramentas que lhe permitam interligar sua área do conhecimento com o seu dia a dia e redimensionar a sua postura na construção de uma sociedade que tenha por base a afirmação da vida e da dignidade. O professor precisa acreditar e canalizar as suas potencialidades.

Portanto, a formação de educadores, bem como cursos de capacitação para docentes em exercício, devem priorizar a inserção de metodologias renovadoras que permitam potencializar o prazer de aprender e ensinar. Os espaços educacionais devem propiciar o desenvolvimento de atividades onde os conteúdos são abordados de forma altamente interativa e de maneira descontraída e acima de tudo prazerosa.

Somente dentro destas convicções é que certamente os cursos de extensão e formação de educadores poderão contribuir para uma real evolução no quadro educacional brasileiro, permitindo uma melhor qualidade de vida para a população e uma consequente redução dos níveis de violência em nossa escola.

Marisa Almeida Cavalcante
PUC/SP
marisac@puccsp.br